

MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Foculares

A Obra hoje
**Com todos
em direção
a Deus**

Na Cidade do México
Com os amigos hebreus

Médicos em diálogo
Por uma medicina nova

Na escola da «Desolada»



«Hoje é a festa da natividade de Maria. Portanto, a festa do Centro da Obra, que é dedicado precisamente a Maria que nasce.

Ontem, véspera deste nosso dia, ao passar perto do hotel de Oberiberg onde escrevi: "Tenho uma só Mãe sobre a Terra" (ver quadro), ao reevocar aquele trecho, fui tomada por um forte temor de Deus. Vi que, nestes últimos tempos, viver a Desolada significava para mim viver o momento presente perdendo tudo, mas já não significava, com a mes-

ma evidência, o que aquelas palavras queriam dizer quando as escrevi, isto é, a prontidão para perder a Obra e, com as devidas proporções, para cada um de nós, perder as obras.

Além disso, entendi que não se trata só de prontidão, mas de algo mais.

Meditei que, tal como é verdade que tenho só um esposo sobre a Terra, Jesus abandonado, e não me posso "divorciar" Dele, escolhendo um outro que não seja

Tenho uma só mãe sobre a Terra

Tenho uma só mãe sobre a Terra:
Maria Desolada.

Não tenho outra mãe além dela.
Nela está toda a Igreja até à eternidade,
e toda a Obra na unidade.

No seu desígnio, o meu.
Irei pelo mundo revivendo-a.
Cada separação será minha.
Cada desapego do bem que fiz,
é um contributo para edificar Maria.
No seu Stabat o meu «estar».
No seu Stabat o meu «caminhar».

Hortus conclusus
e fonte secreta (Ct 4,12);
cultivarei as suas virtudes mais amadas,
para que sobre o meu nada silencioso
resplandeça a sua Sabedoria.
E muitos, todos os seus filhos prediletos,
os mais necessitados da sua misericórdia,
tenham em toda a parte a sua materna
presença
numa outra pequena Maria..



CHIARA LUBICH, *La dottrina spirituale*,
Roma, 2006, pag. 213

sofrimento, escuridão, tormento, angústia, desespero, etc., do mesmo modo, não posso renegar a única Mãe que tenho: a Desolada, que significa, precisamente, Jesus morto no regaço e oferecê-Lo ao Pai sem um lamento.

Meditei naquelas palavras, uma a uma, e pareceram-me novas.

“Tenho uma só Mãe sobre a Terra, não tenho outra Mãe além dela...”

Nela está toda a Igreja até à eternidade e toda a Obra na unidade...”

Claro que só se estivermos prontos e desejosos - quero dizer - de deixar a Obra construída por nós e passá-la para outras mãos, para que a continuem, ou prontos a vê-la morrer momentaneamente, como o grão de trigo, para que refloresça multiplicada, é que *somos um*. Porque, para sermos um, é preciso possuímos só Deus. E isto requer o desapego efetivo, ou ao menos espiritual, de tudo o que não for Ele.

E como confirmação, lembrei-me de outras palavras: “O desapego do bem que fiz, é um contributo para edificar Maria”.

Esta frase surpreendeu-me pela sua profundidade. Talvez o Espírito Santo não estivesse ausente quando a escrevi. De facto, a Obra é uma Maria mística, isto é, um vaso cheio só de Deus. E ela não é só obra de Deus, mas também nossa. Realizada por nós que devemos ser operários especializados para esta Obra e, portanto, “desapegados”, isto é, que amam a Desolada.

O grande temor que me invadiu ao ver que já não estava concentrada dessa maneira na Desolada, minha Mãe, impulsionou-me a reconsagrar-me a Ela e a re-

petir-lhe: “Cada separação será minha... no teu *Stabat*, o meu estar”.

Pensei depois que, com esta iluminação, Maria me preparasse e nos preparasse para as novas mudanças que é preciso fazer na Obra, para que seja cada vez mais conforme com os desígnios de Deus».

Chiara

(Do *Diário* de Chiara Lubich,
8 de setembro de 1970)

Natália

Uma nova biografia sobre as primeiras testemunhas dos inícios do Movimento dos Focolares, escrita por Matilde Cocchiaro. Trata-se da vida da Natália Dallapiccola que, desde setembro

de 1944, foi viver juntamente com Chiara na «casinha» da Praça dos Capuchinhos, em Trento: foi o primeiro focolar. Sem dúvida que a Natália teve um papel especial na história do Movimento, a ponto de Chiara ter dito que, se não tivesse encontrado uma pessoa como ela, já preparada por Deus, talvez nunca tivesse podido começar uma vida tão revolucionária, baseada no Evangelho.

O prefácio é de Nichico Niwano, presidente do Movimento budista Rishso Koseikai. Ele conclui: «“Conhece o passado e descobrirás a novidade”. Significa: examina a história, estuda atentamente a tradição e obterás uma nova sabedoria [...] espero que esta biografia da Natália se torne um precioso guia para o caminho em direção ao futuro».



Encontro de outubro

A coragem de seguir Deus

Abri-se às sugestões do Espírito. No encontro dos Delegados, este ano, surgiram novidades importantes para a Obra, que é chamada a responder às necessidades da humanidade

Quando se começa uma coisa nova, a introdução é fundamental. É o início dos trabalhos e indica a direção do caminho. Assim aconteceu no encontro dos Delegados das Zonas, que se concluiu no passado dia 19 de outubro. No início dos três dias de retiro, que precedeu a fase operativa, a Emmaus leu um escrito de Chiara sobre a Desolada, do seu diário de 8 de setembro de 1970 (ver págs. 2-3).

«Pensei que, com esta iluminação, Maria me preparasse e nos preparasse para as novas reformas que é preciso fazer na Obra, para que seja cada vez mais conforme com os desígnios de Deus», concluía o trecho. E o Giancarlo salientou:

«Sinto que é Deus que passa, Deus que chama cada um e chama toda a Obra. Sem dúvida, Ele quer fazer em mim, em cada um, na Obra, qualquer coisa que conhecemos bem, mas que se renova sempre na vida de Deus, isto



© Servizio fotografico Thomas Klann

é, pôr Deus no centro, e a partir dali olhar para todas as coisas. [...] Temos que estar atentos àquilo que Ele nos quer dizer».

A carta de 12 de julho

É impossível não voltar com o pensamento e com o coração à carta de 12 de julho deste ano, na qual a Emmaus confiava a forte experiência que a levou a escrever a todos os que pertencem à Obra. Depois de ter lembrado que «sim, falamos de nova configuração, de agrupamentos, de transferências de focolares, de atenção aos países de fronteira...» e de ter explicitado como a «periferia existencial» de que também o Papa Francisco fala «é qualquer ponto onde o homem já não encontra o seu centro, porque já não encontra Deus», observava: «Numa das meditações

destes dias, deparei-me com o relato que Foco fez do seu convite a Chiara, em setembro de 1949, a deixar Tonadico para voltar para a cidade», com aquela exortação, conhecida pelos membros da Obra, a abandonar «o Paraíso para regressar à Terra», para «levar muitas almas ao Céu».



Daqui o chamamento fortíssimo, sentido em primeira pessoa e dirigido a toda a Obra, de «sair ao encontro das pessoas e levar-lhes a vida da Santíssima Trindade, o Reino de Deus, vencendo todos os medos e todas as angústias que também Chiara sentiu (Foco escreve que ela “chorou!”) – com o amor incondicional a Jesus Abandonado e a força daquela unidade que o Pacto renovado realiza».

A nova configuração

Olhando bem, agora que o encontro terminou, o «trabalho» dos Delegados girou ao redor dos pontos tocados nesta carta. Foram muitas as horas de comunhão dedicadas àquilo que, em síntese, se define como «nova configuração da Obra». Mas a própria Emmaus explicou a realidade mais profunda, que se subentende com esta expressão: «Senti mesmo como se Deus me dissesse: mas o que queres com esta nova configuração? A nova configuração é isto: voltar à configuração daquele dia em que Chiara deixou Tonadico para voltar ao mundo». Pois isso, disse ela mais tarde: «não se trata de uma coisa estrutural porque isso seria fácil fazer, no fundo, bastaria pôr-se a uma mesa e escrever: “Isto une-se a isto, vamos pôr estes focolarinos aqui, este focolar ali”. Mas não é isto. É mesmo aquela mudança de mentalidade que dizíamos nestes dias. [...] Portanto, mais do que entrar nos pormenores organizativos, é preciso entrar nesta realidade... isto é, a esta abertura de alma para um envolvimento mais vasto de todos, para quê? Para fazer avançar o Reino de Deus, para a Nova Evangelização, para uma nova injeção de Evangelho na humanidade». E o Giancarlo especificou: «A graça deste momento inclui também a graça de uma mudança cultural e de praxis. Quando vocês voltarem surgirão uma imensidade de perguntas concretas, mas isso não chega, é preciso entrar nesta nova visão das coisas, se não, faz-se apenas uma simples transferência de funções. É algo mais. E foi

uma graça que nos acompanhou, que nos está a acompanhar e que, sem dúvida, nos vai acompanhar nos próximos meses».

Para que a humanidade possa encontrar Deus

A Emmaus referiu-se à conclusão do tema do ano sobre o amor recíproco apresentado aos Delegados, no qual afirmava: «Neste período parece-nos que o próprio Deus nos empurre para a frente para estender a sementeira a novos campos, mais amplos [...] sem temer pela diminuição de forças ou pela perda de posições alcançadas, mas assistindo com alegria ao abrir-se de novos horizontes e ao florescimento de inúmeras pequenas células vivas de Igreja, distribuídas pelo mundo». Sublinhou a força das



«pequenas células vivas» «onde dois ou mais estão prontos a amar-se reciprocamente, com o amor de que falámos. E o que fazem? Vão ao encontro das pessoas, portanto, vão para fora, deixam o recinto, deixam as seguranças, vão para fora a dois, a três, o pequeno grupo que existir, para ir ter com a humanidade. Mas porquê? Para que as pessoas possam encontrar Deus, para que os homens possam encontrar Jesus no meio, o motivo é este. Não para que as pessoas encontrem o Movimento dos Focolares. Se nós conseguirmos levar Jesus no meio às pessoas fora do Movimento, então sim, vale a pena para nós e para elas. Vale a pena para nós, porque a nossa caminhada em direção ao “Ut omnes” avança, e para elas, porque encontram o centro das suas vidas, o único que dá sentido às suas vidas».

Arriscar

Deixar as seguranças, abandonar talvez uma experiência que foi positiva para ir em direção a uma coisa nova. A Emmaus não escondeu que isto implica riscos. «Vale a pena correr esse risco? – perguntou a si própria. Vale a pena se acreditarmos que isto é ação de Deus. Vale a pena porque, então, dizemos: se é ação de Deus, se é Deus que move este processo, se é Deus que nos impulsiona a dar estes passos, podemos confiar, porque confiamos em Deus e não porque confiamos em nós; porque se confiarmos em nós começamos a fazer cálculos. Pelo contrário, Deus pede-nos para confiar Nele e arriscar, com uma boa percentagem de possibilidades de sucesso porque confiamos Nele». «Todos, como Obra, somos interpelados de um modo forte pelo Reino de Deus que nos envolve diretamente - exortou o Giancarlo -, e depois, estar disponíveis para



aquilo que Deus nos fizer compreender».

Gostava-se pelo menos de perceber como vai ser aquilo que se está a desenvolver, isto é, começar com alguma certeza. A Emmaus convidou a dar mais um passo na confiança em Deus e recordou uma parte de uma entrevista que o Papa Francisco deu ao diretor de “La civiltà cattolica”, Antonio Spadaro: «Neste procurar e encontrar Deus em todas as coisas - afirmou o Papa -, fica sempre uma zona de incerteza. Deve ser assim. Se uma pessoa diz que encontrou Deus com total certeza e não tem uma margem de in-

certeza, não está certo. Para mim isto é importante. Se alguém tem as respostas para todas as perguntas, está aqui a prova de que Deus não está com ele. Quer dizer que é um falso profeta, que usa a religião para si mesmo. Os grandes guias do povo de Deus, como Moisés, deixaram sempre espaço à dúvida. Deve-se deixar espaço para o Senhor, não para as nossas certezas; é preciso ser-se humildes».



As questões que se colocam

Houve perguntas que ficaram em aberto durante os trabalhos. Perguntas que se referem às estruturas da Obra, os centros zonas destas Zonas, que entretanto se tornaram muito maiores, a função do conselho, as organizações concretas... A Emmaus compreende-as e aceita-as, confiante que Jesus no meio, entre todos os que estão presentes, dará as respostas necessárias. Mas chamou a atenção dos Delegados sobre quais deveriam ser as perguntas principais: «Como fazer para que esta sementeira se realize amplamente? Para se ir realmente ao encontro da humanidade? O que devemos fazer para podermos descobrir quais são as nossas periferias, as periferias da nossa Zona? Para vivificar, para fazer com que em cada grupo, em cada comunidade local exista verdadeiramente Jesus no meio? Por tudo isto, e com esta perspetiva, devemos fazer a nova configuração da Obra. E, se me permitirem, eu diria: partir da comunidade local. Considerem uma comunidade local da vossa Zona, e perguntem-se: “será que funciona? Como é aquela comunidade local?”».

Numa intervenção seguinte, a Emmaus reafirmou qual era a perspectiva de onde partir: «Não partir de nós, mas partir dos últimos, partir daqueles que estão à espera deste serviço. Portanto, não devemos dizer: “A Obra deve ser sólida porque se não, não conseguimos chegar lá”. Não. Devemos dizer: “O que é que o mundo nos pede? O que é que as comunidades nos pedem? O que desejam as pessoas? Do que é que vivem? Quais são os problemas nos quais a sociedade está imersa? Quais são as suas questões?”. Será que a Obra, assim como é agora, consegue dar estas respostas? Eu penso que sim, pela força do Ideal e também pela sua maturidade, pelo crescimento que houve. Então, vamos pensar juntos nestas respostas, procuramos dá-las. [...] Com Jesus no meio, podem-se encontrar respostas que até agora não procurámos, não estávamos ainda tão maduros para ouvir aquilo que nos perguntavam».

A Obra é o meio, o «Ut omnes» o fim

O Giancarlo sublinhou que, depois destes setenta anos, que nos viram empenhados na construção da Obra, não devemos esquecer de «repetir: a Obra é um meio para alcançar o fim que é o “Ut omnes”. O meio não é o fim. O fim é a humanidade. Não podemos parar no meio». E se a perspectiva é esta, convém lembrar que «as pessoas também se formam estando em campo, não se formam só quando estamos entre nós. Só se lançarmos o coração das pessoas e da Obra para além de todas as barreiras, é que vivemos, porque um carisma é um dom de Deus dado para a humanidade e mantém-se desse modo». Com uma imagem

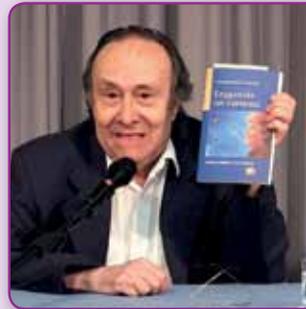


Giuseppe Zanghi **«Lendo um carisma»**

O novo livro apresentado no encontro dos Delegados

A referência constante destas páginas - explica o Autor - «é ao Carisma de Chiara e, de maneira muito especial, à experiência mística de 1949 (que nós, no Movimento dos Focolares, chamamos Paraíso de '49). [...] são oferecidas, com o seu estilo coloquial e experiencial [...] a quem seguiu, e segue Chiara no caminho que Deus abriu com ela, na Igreja, para todo o mundo».

«Nestas páginas somos conduzidos com uma admiração única e uma mestria de alto nível até à nascente - assim diz Piero Coda no prefácio -. Através delas, de facto, é-nos aberto o acesso, intelectualmente pertinente e existencialmente certificado, à leitura de um carisma de luz intensa como o da unidade. E deste modo, juntos, é-nos proporcionada a experimentação, também no modo de pensar. Estas são as condições essenciais para que a vida gerada pelo Carisma e por ele moldada possa tornar-se aquilo que é: início de um renascimento cultural em grande estilo».



eficaz e eloquente, a de uma bomita borboleta colocada por debaixo de um copo, e portanto destinada a morrer em pouco tempo, mostrou o que poderia acontecer se vivêssemos o Ideal só para nós: «Eu espero que não façamos assim também com o Carisma: é enorme, mostramo-lo a todos porque é grande, mas pode ficar fechado, prisioneiro».

A força do amor recíproco

Será tudo demasiado arrojado? A história



da Obra veio em nosso auxílio. *«Penso que Chiara teve sempre a coragem de propor coisas novas – lembrou a Emmaus -, de propor coisas grandes. Cada coisa que nasceu na Obra era uma coisa nova que, no início, sem dúvida, assustava-nos, fazia-nos ter este temor. E penso que, no fundo, está ainda hoje a propor coisas novas, porque responde às necessidades de hoje, e assusta, assusta porque são coisas novas».* Portanto, é uma mudança que requer um empenho a que ninguém se pode eximir e exige a garantia do amor recíproco. *«Para ter a coragem de olhar para fora – esclareceu a Emmaus – devemos ter Jesus no meio. Este tema do amor recíproco parece-me que vem precisamente em nosso auxílio neste momento, porque se não tivéssemos esta força do amor recíproco, esta força da comunhão, poderia acontecer que entrássemos na noite da humanidade e nos perdessemos, porque a noite é noite, e se não tivermos a luz, a um certo ponto, não sabemos para onde ir, batemos contra a parede e perdemo-nos. A luz que Deus deu à Obra é esta: é o amor recíproco, é Jesus no meio».*

Voltar às origens

E a quem pensasse que depois de setenta anos seria difícil, se não impossível, atuar a mudança de visão afirmada com força durante o encontro dos Delegados, a Emmaus propôs um «reset»: pensar que se trata de *«voltar às origens, um regresso à vida de Chiara, quando não existia o focolar, não existiam os voluntários... Havia este grande Ideal e a vida aconte-*

cia». Então, em vez de nos assustarmos é espontâneo dizer: *«Que maravilha! Era assim, quando eu conheci o Ideal era assim».*

Nos primeiros anos da Obra, num escrito conhecido com o nome de «Regra de '51», não tinha já, Chiara, estimulado o Movimento, que na altura era definido como «Ordem de Maria», a viver pela Igreja e pela humanidade? Foi Giancarlo que comunicou aos Delegados aquela mesma paixão de Chiara, que hoje se tornou o empenho de todos. *«A Ordem de Maria - escreveu Chiara - não vive para si. Como Maria Santíssima que viveu unicamente pelo seu Jesus, a Ordem de Maria vive pelo Corpo Místico de Cristo, a Igreja. Vive, portanto, por aqueles que não fazem parte dela e, amando-os, encontra a sua santidade».* Num escrito de 22 de setembro do mesmo ano, observou: *«A Ordem de Maria [...] morrerá se pensar em si. Nela, é uma lei do Evangelho: "Quem perde a própria vida, reencontrá-la-á" (Mt 16,25)».*

O encontro dos Delegados de 2013 concluiu-se com um outro escrito de Chiara, extraído do diário de 1971, que foi a missão confiada pela Emmaus aos presentes e ao Movimento inteiro: *«... Só com a caridade é que nós poderemos dar outra vez a cada focolar o sua verdadeira fisionomia e assim também à Obra. [...] Devemos agradecer a Deus por esta vocação maravilhosa. É na caridade vivida e revivida que vamos encontrar, também no futuro, a fonte para cada reforma que for necessária na Obra».*

Aurora Nicosia



Ver também em Mariapoli online
www.focolare.org/notiziariomariapoli

Médio Oriente

Ser uma «Zona de fronteira»?

O que acontece quando se deixam as seguranças alcançadas.
Eis o que nos contou Carmine Donnici, delegado da Turquia

A grande Zona do Médio Oriente estava entre aquelas consideradas «de fronteira». Vocês pensavam que a nova configuração da Obra não vos dizia respeito, não é verdade? Pelo contrário! E o que é que aconteceu?

«A Zona do Médio Oriente compreende uma vasta área que vai desde Marrocos ao Irão, passando pela Argélia, Líbia, Egito...

Lançámo-nos com generosidade. Mas no fim concluímos com uma nossa carta à Emmaus, onde fizemos uma lista com todos os motivos válidos para não nos agruparmos numa única Zona. No dia seguinte, a meditação foi sobre a *Fábula que floresceu ao longo do caminho de Foco*. Aquele forte apelo a "morrer sem um lamento" fez-nos compreender que se "morre" por qualquer coisa muito maior. Na base do florescimento está o dar a vida uns pelos outros, e isto tornou tudo mais sagrado».

Que percurso fizeram para chegar a elaborar uma proposta para a nova configuração da Obra no Médio Oriente?

«Em abril passado, reunimos todos os Delegados do Médio Oriente em Istambul, durante cinco dias. Começámos com a possibilidade de agrupar a Zona em três partes, depois em duas e chegámos ao fim com uma única Zona. Depois das primeiras dificuldades, tudo resultou tão linear, tão luminoso, que tinha o sabor de um milagre. A solução era de acordo com as minhas expectativas, a ponto que fui à capela e disse a Jesus: «É demasiado belo, mas se estou "apegado" a esta realidade, toma-a, dou-ta assim como nasceu» ... e Ele tomou-a.

Pouco tempo depois, de facto, surgiram dúvidas, opiniões que nos foram comunicadas. Mas tudo através dos mails. Percebem que, além de ser um trabalho pesado é também difícil explicarmo-nos deste modo. Vistas as dificuldades em chegar a uma solução, pensámos em encontrarmo-nos em Amam,



"Não se vai tocar no Médio Oriente. Devemos ajudá-lo. A presença da Obra deve ser incrementada".

O que tínhamos ouvido, em alguma ocasião, sobre a nova configuração da Obra, tinha-nos deixado 'tranquilos', ficando só à espera da chegada de focolarinas e focolarinos. Era o que pensávamos.

Mas, durante o encontro de Outubro de 2012, a alguns de nós vieram alguns escrúpulos... Se as Zonas da Itália, que têm uma consistência numérica de pessoas da Obra muito maior em relação a nós, fazem um agrupamento, como é que nós vamos continuar a ser seis Zonas distintas? - interrogámo-nos.

Então, decidimos juntos renunciar - como se fosse um privilégio! - a sermos considerados uma "Zona de fronteira".



No encontro de Delegados, contam sobre o encontro da Emmaus com a Grande Zona do Médio Oriente.

no fim de agosto, um dia antes do encontro da Emmaus com os nossos do Médio Oriente.

Foi posto, de novo, tudo em discussão. Houve a tentação de desistir. Mas "exactamente porque temos este desafio, devemos dar um testemunho de unidade", dissemo-lo. E este desafio apaixonou-nos».

Tinham também motivos compreensíveis, uma experiência positiva, com muitos frutos...

«Sim, de facto a experiência até ali tinha sido muito mais positiva do que quando estávamos todos unidos, no início. Porque foi sempre difícil: as conferências telefónicas, as comunicações... Desde que as Zonas são distintas houve muitos desenvolvimentos positivos e também aprendemos a colaborar mais entre nós. Cresceu a unidade. Por isso questionáva-

mo-nos porquê agora pôr em risco uma experiência tão positiva e mudar? Até que percebemos que a nova configuração da Obra dizia respeito a todos, portanto também a nós e que Deus nos pedia um novo passo».

O que é que vos ajudou mais a dar espaço ao agir de Deus neste processo?

«Foi uma experiência lindíssima, coletiva e também pessoal. Um pensamento ou uma ideia ía-se formando, não pelo génio de algum de nós, ou pela perspicácia de outro. Era um pensamento que Jesus ia formando dentro, na unidade entre nós, em unidade com o Centro. Mandávamos um título, o Centro dava-nos a resposta: através do encontro dos conselhos do Centro da Obra, ou da experiência de outra Zona. Então elaborava-se um pensamento que não era pessoal. É realmente Jesus que o desenvolvia. Foi assim que chegámos à ideia da única Zona, que comunicámos à Emmaus, com as reflexões que tínhamos feito. E no encontro dos Delegados pareceu-nos confirmada esta direcção, mesmo se não é ainda a última palavra».

ao cuidado da redacção



A Grande Zona do Médio Oriente no encontro de Delegados

Em Espanha O que posso eu fazer?

Como fazer para «sair fora, ser todos protagonistas» Falam-nos disso Marga Gomez del Valle e José Luis Romero, delegados para a Zona de Madrid

Como fizeram para pôr em prática o impulso que a Emmaus deu à Obra?

«Nas comunidades houve uma resposta muito positiva. A perspectiva de unir as Zonas da Espanha fez-nos olhar, com mais responsabilidade para as realidades que temos à volta e interpelou-nos pessoalmente. Em junho tivemos o Conselho para programar o calendário das actividades do ano que se perspectivava como um *puzzle* muito complexo. Pedimos a um pequeno grupo para estudar as várias propostas».

Foi simples ou tiveram dificuldades? Como as superaram?

«Durante o ano procurámos viver: "o que é do outro é meu": não estar no Conselho como voluntários, encarregados dos diálogos, gen etc. mas como Obra. Apesar disto, no dia do encontro não se tinha encontrado a solução para o calendário porque todos estamos empenhados nas mesmas coisas, e ressaltou a impossibilidade de aplicar um critério estrutural - "vamos procurar mais datas, etc...".

Na comunhão que se seguiu, cada um expôs as suas dificuldades, o que teria querido salvar... Foi importante o contributo dos gen. Disseram-nos: "Mesmo se temos o vosso apoio, nós não conseguimos fazer tudo o que está programado". Apercebemo-nos que, mesmo se cada comunidade tinha vivido para os jovens, talvez o tivesse feito para que eles agissem, sem um desinteresse absoluto:



aquele de se amar e de ser construtores ao mesmo nível.

Ao mesmo tempo deveríamos ser capazes de ser sinceros, não calar sobre coisas que não estão bem, ter a coragem de romper a aparente harmonia para ir a fundo com amor, nos momentos apropriados, para construir uma verdadeira unidade.

Era necessária uma nova chave de leitura, perguntar a si mesmo: "O que posso fazer eu? O que posso fazer eu, por ti?"

No fim, no calendário ficaram poucos pontos fixos, deixando as comunidades locais fazer o próprio programa, reservando-nos para apoiar onde fosse necessário. Isto mudou o nosso modo de nos relacionar, com o resultado de uma grande alegria em todos».

Como conseguiram comunicar estas novas realidades do Conselho de Zona a todos os outros da Obra?

«Antes de tudo vivendo-as pessoalmente. É isto que convence mais!

Depois dialogando, ajudando-nos a unificar a vida. Uma voluntária dizia: "Eu não posso fazer nada pela Obra - tem o marido, os filhos - mas pela paróquia sim, porque é ao lado da minha casa". "Mas tu na paróquia és a Obra! Trabalhas para o "Ut omnes"».

Víamos a tendência para resolver o desejo de ir para fora fazendo encontros, em vez de actuar um projecto. Por exemplo: "Devemos abrir o 'mundo' da Saúde, façamos um encontro". "Não. Ajudemo-nos a entender que no hospital onde tu trabalhas, já estás a abrir este mundo".

E depois não estamos sózinhos a comunicar as novas realidades, mas é toda a Obra que vai naquela direcção. Foi a carta da Emmaus, depois a última conferência telefónica: foi de tal maneira potente que de uma vez comunicou-se tudo. Estamos a pensar no valor do violeta, nos nossos instrumentos de comunicação».



Quais foram os frutos?

«Apercebemo-nos do número de experiências que já fazem os internos. Antes pareciam pequenas coisas dispersas, agora faziam parte de um único caminho. Percebe-se aonde se está a ir e como ajudarmo-nos.

Também os aderentes estão felizes de poder dar o seu contributo em primeira pessoa. É impressionante o recurso que existe no povo de Chiara, em cada pessoa!" (ver caixa).

ao cuidado de Gianna Sibelli

Não perder a ocasião

«Sabia que os gen3 iam fazer um passeio. Já tinha dado a conhecer este estilo de vida, aos meus alunos. Mas este ano, já não era professora deles nas matérias que me permitiam entrar nestes argumentos. Mas... não lhes podia tirar esta ocasião. Escrevi uma carta a título pessoal a cada família. Demasiado tarde: já estavam todos empenhados! Alguns dias depois descobri que um grupo tinha adiado o empenho para participar. Fomos 13, com um casal de pais. No fim estavam todos numa grande felicidade..

Como ir para a frente? Muitas vezes tinha pensado que nos devíamos "organizar" para o mundo da educação. Mas entendi que esta questão devo pô-la a mim mesma: "O que é que eu posso fazer?". Tendo em vista os relacionamentos, dou-me conta que. Mari Carmen, interna de Famílias Novas, é também professora, tem a minha mesma paixão. Parece-me que agora sim, acertámos na estrada».

Mariluz García, focolarina

«Fui convidado para o Forum Nueva Murcia, para a província. É um notável âmbito de diálogo entre empresários e políticos. Era difícil adaptar-me àquele ambiente, mas com a certeza da unidade pus-me a amar como Chiara

nos ensinou. Encontrei um aderente que participava como representante de uma empresa. Ele sugeriu-me: "Aqui podemos ter Jesus no meio de nós". No fim do dia foram muitíssimos os relacionamentos construídos, até com o cardeal Antonio Cañizares, feliz por saber que estávamos presentes naquele ambiente».

Antonio Zaragoza, voluntário

«Tenho um contrato telefónico económico, portanto posso usar bastante o telefone. Sei ler a Palavra de Deus e contar histórias. Sei cantar bastante bem. Consigo dançar e fazer rir, em particular às crianças. Tenho bom senso e capacidade de organização. Sei limpar, passar a ferro e cozinhar. Posso escrever cartas ao computador (para as contas sou pior). Tenho experiência com os idosos. Estou um pouco limitada pela minha situação familiar mas ofereço toda a minha disponibilidade. Rezo e vivo por este momento tão importante da Obra para que tudo seja feito segundo o desígnio de Deus»

Mercedes Herreros, professora recentemente reformada

José C. Paz

Em viagem com a comunidade

Como envolver grandes e pequenos, pessoas do Movimento ou não só

Quando a Emmaus convidou todos os membros da Obra a irem pelo mundo a «semear o Ideal», levando Deus onde não existe, com a comunidade de José C. Paz estávamos a viajar para a Mariápolis Lia. Era uma viagem há muito desejada, após um ano de encontros da Palavra de vida e de trabalho para conseguir o dinheiro necessário para a camioneta. Conseguimos ser 94 participantes, das quais 22 crianças, 33 jovens, sendo alguns do Movimento da Palavra (um Movimento eclesial nascido na Argentina), e 39 adultos. Entre estes havia três religiosas. Cerca de metade participava pela primeira vez.

Desde a organização fizemos uma experiência de comunhão. Os que participam nos encontros da Palavra de Vida e os aderentes responsabilizaram-se por convidar «alguém»: familiares, vizinhos, pessoas que tivessem manifestado a vontade de conhecer a Mariápolis... Assim, cada um trouxe algumas pessoas novas. Visto que a maior parte das nossas famílias tem muitos filhos, era necessário arranjar dinheiro para as viagens de todos. Organizámos um «empanadazo» (grande venda de «empanadas») conseguindo assim metade do custo da viagem.

Chegando à Mariápolis, o acolhimento dos habitantes, com as suas experiências de vida do Evangelho, tocou o coração de cada um. Foi espontâneo partilhar o almoço, fazer jogos com as crianças, escutarmo-nos e pôr em comum fortes momentos vividos. «Gostei muito quando a rapariga contou que tinha aprendido a colocar-se a cem por cento a amar onde mais lhe custava»; «Ouvir as experiências de tantos jovens que procuram viver a fraternidade. Transmitem o amor nas coisas simples e isto é positivo»; «Compreender o verdadeiro sentido da vida segundo o Evangelho, dando-se a cem por cento». Estas são só algumas das impressões que pudemos recolher.

Voltando, em todos ficou o desejo de manter o contacto e de nos ajudarmos a viver ali onde estamos, como na Mariápolis. Foi a primeira experiência de «apostolado» vivida em conjunto, como comunidade, e estávamos todos felizes. Agora vamos procurar escutar juntos o Espírito Santo que, com certeza, nos vai sugerir como permanecer ligados e poder desenvolver a vida que continua a crescer, fazendo de tudo para que exista a plena comunhão.

A comunidade de José C. Paz



Focolares temporários

Muitos lugares, a mesma família



Do Sri Lanka aos Açores, do Vietname a Santo Domingo, do Brasil à Tanzânia. Estes são alguns dos Estados que, durante este ano, tiveram a presença de um focolar temporário: focolarinas, focolarinos, gen, voluntários... a família de Chiara deslocou-se às «periferias» e encontrou aquelas comunidades e pessoas que vivem o Ideal e estão muito distantes dos focolares.

Houve quem tivesse brincado com os gen4, quem organizou uma Mariápolis, quem tivesse ido contactar com o Bispo da região, quem tivesse feito uma estadia itinerante, com várias etapas dentro do mesmo estado, outros ainda contaram sobre os primeiros tempos do Ideal, ou fizeram muitos colóquios pessoais. Cada focolar temporário é uma experiência única. Aquilo que se repete nas várias circunstâncias é a gratidão recíproca de quem vai e de quem recebe a visita dos focolarinos e das focolarinas.

«Que bela experiência Deus me permitiu fazer – escreveu Stefano, que esteve na **Zâmbia** –, só porque coloquei à disposição uns dias de férias!». «Para além da beleza das pessoas, da natureza rica em todos os aspectos, o que levo no coração – conta Dilu que esteve na **Tanzânia** – é a sede do Ideal e como

Encontro nas «periferias»

este parece adequado precisamente para estes nossos irmãos. Experimentei uma nova fraternidade, forte. Também com as focolarinas de lá sinto que a unidade está viva, que juntos continuamos a construir a Obra onde Deus nos pede, mesmo agora que já voltei para o Centro Mariápolis de Castel Gandolfo».

Em Manfe, nos **Camarões**, o focolar ficou hospedado na casa do Bispo e Mons. Francis Lysinge quis participar todas as manhãs na meditação que os focolarinos e as focolarinas faziam, dizendo-lhes que se sentia plenamente «focolarino».

Do focolar de Génova, Simone e Christopher (birmanês) foram até **Myanmar**: «Primeiro vivemos alguns dias com os gen, depois um encontro com toda a comunidade. Um dos momentos mais belos foi o encontro com os seminaristas em Yangon e Mandalay. Também fizemos uma viagem a



Kanazogone, onde está o p. Carolus, para visitar os jovens da paróquia. Momentos igualmente importantes foram os colóquios



peçoais e as várias visitas às famílias e aos parentes dos nossos». E de Bangkok para a passagem do ano foram dois focolarinos, Joey e Gim, e dois gen, Jack e Num (este último budista) que permaneceram cerca de dez dias.

Ao **Vietname** foram Nicolas de Tagaytay, Darwin de Bangkok e Hau e Hieu do sul do Vietname. Três semanas, com passagem também pelo norte do país, para se encontrarem com os gen e as suas famílias. A pedido do Reitor, os focolarinos permaneceram uns dias no seminário, para «dar aulas sobre a vida de unidade». No final foram convidados a apresentar a sua vocação a cerca de mil jovens da diocese.

A experiência mais profunda em qualquer «periferia», é sempre a de Deus, de poder ter Jesus no meio nas 24 horas do dia, e depois... partilhar tudo: «o alimento, a chuva que caía incessantemente – escrevem da zona de **Fontem** onde houve quatro focolares temporários –, às vezes a falta de electricidade. Parecia que voltávamos a viver a realidade dos primeiros tempos “nas caves, à luz das velas”. Tudo isto serviu de combustível indispensável para experimentar entre nós o amor recíproco concreto, receber o amor das pessoas das várias comunidades, que tinham o jantar pronto quando regressávamos de um dia de encontros... ou aquela pessoa que, não podendo participar, mandou dinheiro para pagar o combustível do carro».

E, logicamente, cada viagem não é gratuita. Com efeito não faltaram os momentos



difíceis. «Até ao último momento – escreveu Jerome que esteve no **Congo** – pensávamos que não podíamos partir porque faltavam os vistos. E só na véspera da partida tivemos os passaportes, depois de esperar sete horas na embaixada... Este facto fez-nos colocar tudo nas mãos de Deus. Partimos conscientes de que tudo era uma dádiva de Deus, um presente seu para nós. E foi mesmo assim! Com os focolarinos existia um clima de festa sobrenatural permanente (cozinhando, lavando a loiça, preparando encontros...) e isto foi fascinante. E um gen, que viveu connosco os dois últimos dias, não se cansava de repetir: “Que bela família, que bela família”».

por Tiziana Nicastro

Voltar para o meio das bombas

Um período na Síria, apesar da guerra. O impulso interior para responder com generosidade ao chamamento de Deus

Terminada a escola das focolarinas em Loppiano (em 1978), voltei para o focolar do meu país, o Líbano, e pediram-me para acompanhar o Movimento na Síria, onde ainda não havia focolar, mas só algumas pessoas que nos conheciam. Tentava ir lá todos os meses - mesmo durante a guerra no Líbano – e fi-lo até 1994 quando fui com uma outra focolarina abrir o focolar em



Aleppo, onde fiquei nove anos.

Por isso é uma comunidade que eu vi nascer, crescer e que, com a sua gente, me roubou o coração.

Quando no ano passado, durante o Verão, estive no Líbano de passagem, falando com a responsável da Zona sobre a situação que se agravava na Síria e sobre as focolarinas



nas que precisavam de descansar, disse: «De bom grado voltaria à Síria, mas não agora que há guerra!». Com efeito, vivi quinze anos de guerra no Líbano e os vários eventos dolorosos que se lhe seguiram.

Durante o retiro anual das focolarinas, fazendo meditação sobre um tema de Chiara, senti forte a voz de Jesus que me censurava: «Mas, então? Tu estabelece condições para a Síria? Mas tu não deste a vida por mim e pela Obra? E aquelas duas focolarinas estrangeiras que agora estão em Damasco e conhecem mal a língua e correm perigo?».

Assim, senti que devia dizer «sim» a Jesus e comuniquei a minha disponibilidade para partir para a Síria agora, em plena guerra, para o que desse ou viesse, para dar a possibilidade às focolarinas de saírem do País por turnos, sem se fechar o focolar.

Não acho que tenha feito um acto heróico, mas sim o que era justo, em resposta a um chamamento. E Jesus, quando chama, dá a graça necessária. Esta graça acompa-

nhou-me nas oito semanas que passei em Damasco. Foi uma experiência forte, lindíssima, porque só existia Jesus Abandonado. Encontrei-O em milhares de rostos, caíram todas as coisas supérfluas, para estar unicamente diante de Deus.

Senti-me incapaz de fazer algo para aliviar os sofrimentos das pessoas, mas capaz de as amar, de as ouvir. Servir cada um, cozinhar, fazer as compras, contar a minha história às e aos gen, traduzir para árabe a meditação para as voluntárias, ir aos encontros da Palavra de vida, da comunidade local ou dos jovens. Oferecer quanto vivia por quem vivia em zonas perigosas, apoiar por telefone os das outras cidades... Mas, sobretudo, ter Jesus no meio com a outra focolarina.

Para as pessoas da Obra, mesmo se longe do focolar, a minha permanência nesta situação – disseram-me – foi um forte sinal do Amor de Deus e um apoio moral, mesmo se não me encontrei com muitos deles, nem pude fazer nada por eles.

E foi bom poder ver a comunidade crescendo, sobretudo em Damasco, cidade que fica a cinco horas de carro do focolar de Aleppo. As sementes lançadas anos antes deram muitos frutos, sobretudo entre os jovens.

Ouvíamos sempre os bombardeamentos à nossa volta, mas conseguíamos sair para ir à Missa ou aos encontros – como todos os que saíam de casa para o trabalho ou estudo ou para procurar o que comer – colocando-nos nas mãos de Deus e vivendo o momento presente, na Sua vontade.

Viver com aquela parte da humanidade que sofre foi realmente um tesouro e repetiria a experiência de boa vontade, porque é um modo, entre muitos outros, de poder viver plenamente o «sair e ir para as periferias do mundo» do Papa Francisco, como a Emaús nos diz na sua carta de 12 de julho passado.

Ghada Karioty



Instituto Universitário Sophia Seis anos de vida

Iniciou-se o ano acadêmico com a aprovação oficial dos Estatutos

Terminou a fase ad *experimentum*. OVI ano acadêmico do Instituto Universitário Sophia, iniciado a 14 de outubro de 2013, festeja também a aprovação oficial dos Estatutos por parte da Congregação vaticana para a Educação Católica. «Sophia, és uma casa para todos...»: são as primeiras palavras do hino do Instituto e realmente tem-se a impressão que, agora, é mesmo assim: uma casa para o mundo.

Para abrir a sessão da manhã estava a Emmaus, vice grã-chanceler, mas sobretudo uma amiga deste laboratório de fraternidade: «A Sophia caracteriza-se cada vez mais como local privilegiado para receber as questões e os desafios, a nível planetário, que interpelam o nosso tempo e aos quais não podemos deixar de dar uma resposta em coro». «Tenho consciência da exigência desta tarefa: implica vencer a diferença de pontos de vista, de conhecimentos adquiridos, de experiências consolidadas. Mas foi deste modo que se conseguiu tecer, no meio da humanidade, uma rede de fraternidade universal. É assim que nos podemos tornar protagonistas de uma História que realiza realmente o sonho de Deus: aquele sonho que Chiara nos transmitiu e que só pode ser confiado a almas grandes».



O longo aplauso dos mais de 600 participantes no Auditório de Loppiano não foi só de circunstância, nascia do coração. A responsabilidade de Sophia passa por um caminho que não pretende simplesmente formar os estudantes, mas visa à integridade da pessoa. Não promete ao mundo frutos já conhecidos, mas a sementeira de "almas grandes".

Annamaria Fejes, húngara, em nome dos cerca de 100 estudantes que frequentam os vários cursos, exprime as motivações comuns na opção por estes desafios: «Encontrar, através da reflexão e do diálogo, soluções alternativas às guerras e aos conflitos que ensanguentam o nosso planeta. Queremos e temos a intenção de ir ao encontro dos jovens, adultos, associações, organismos, para construir com eles um mundo mais fraterno».

O grã-chanceler, o arcebispo de Florença card. G. Betori, sublinhou ainda, citando o Estatuto, que Sophia «inspira-se na síntese vital de sabedoria divina e saber humano, que se



exprime no pensamento de Jesus. O nosso Instituto – afirma – quer ser o espaço vital do encontro, da encarnação da “Sophia” e do saber humano». «Pode ser o local onde a investigação humana se funde, para que a sabedoria possa morar no coração das pessoas».

Foi a vez do reitor, Piero Coda que, depois de ter renovado o pacto do amor recíproco que deve animar todas as actividades, dirige-se aos estudantes: «Convosco, também nós, professores e membros do staff nos sentimos protagonistas do novo mundo que está a nascer. Convosco – repete, citando Chiara – é possível encontrar as novas estruturas mentais, a nível-mundo».

É mesmo na esteira deste mundo novo que desponta, que se insere a exposição confiada a Benedetto Gui, professor ordinário da Universidade de Pádua, docente de Economia política e, desde este ano, coordenador do departamento de Economia e Management do IUS: uma exposição aprofundada e envolvente, que projeta todos para o mar aberto das ciências económicas.

Além da saudação da parte de Davide Penna — vice-presidente da recém-nascida Associação «Amigos de Sophia», por desejo dos ex-estudantes e aberta a todos aqueles que, de diversos modos, vivem em sinergia com o Instituto — e de Paolo Crepaz, o novo presidente da «Fundação por Sophia» — organismo orientado a apoiar e promover a vida e a missão — não faltaram os sinais criativos de outros estudantes, testemunhos poéticos, musicais e experienciais. No final, o almoço de festa que não podia deixar de se concluir com o tradicional abrir do bolo pela Emmaus e o Giancarlo, para brindar o caminho percorrido e renovar o empenho e o desafio da viagem em direção a uma cultura da unidade, cada vez mais incisiva.

*Andrea Cardinali
(inscrito no II ano IUS/Ontologia trinitária)*

Ler mais em "Mariapoli online"



No dia 22 de outubro, na reabertura oficial da Escola sacerdotal «Vinea mea», estavam presentes a Emmaus e o Giancarlo, alguns representantes de Loppiano e dos Centros da Obra de Maria, autoridades civis locais, o bispo Mario Meini e outras figuras da diocese. No programa daquela tarde há uma grande referência, com fotografias e vídeo, ao site da Cidadela www.loppiano.it e ao da Obra www.focolare.org. Gostaríamos de realçar aqui um aspecto particular: a experiência de unidade que se viveu.

Já há algum tempo que se notava o desafio para adaptar o antigo Convento franciscano, que desde 1984 alberga a nossa Escola, às exigências de uma espiritualidade comunitária. Para dizer a verdade, pensávamos que bastaria fazer só alguns



Em Loppiano

«Vinea mea», renovada

Depois de dois anos de reestruturação, reabriu o Centro de espiritualidade para sacerdotes, diáconos e seminaristas



arranjos, mas, em unidade com os nossos responsáveis do aspecto da harmonia para a Cidadela, compreendeu-se que era preciso ir mais a fundo. Iniciou-se assim, em colaboração com as focolarinas do Centro Ave Arquitetura. Com Jesus no meio, surgiu uma ideia que convenceu tanto a Câmara municipal de Incisa como o Departamento de Belas Artes: fazer com que este Centro de espiritualidade do séc. XVI pudesse reflorescer para os tempos de hoje.

Em dezembro de 2011 iniciam-se os trabalhos que, respeitando o edifício histórico, conseguem fazer com que as celas dos franciscanos se transformem em unidades de habitação, para os «focolares», com um cantinho para a cozinha e a sala. Por trás da casa constroi-se de raiz um bloco para a sala, o refeitório e a cozinha. Felizmente que a providência, juntamente com uma gene-

rosa e extraordinária comunhão de bens, não se fizeram esperar. Contam as focolarinas do Centro Ave: «Fizemos este caminho, desde o início, com uma equipa especial: os sacerdotes responsáveis tanto da Escola como dos Centros internacionais, que exprimiam o pensamento de sacerdotes de muitos países. Cada local do edifício fala-nos de confronto, de busca comum, de escuta recíproca e de valorização de todas as exigências».

Houve um reflorescimento das estruturas e também de uma Escola, que tem agora uma nova organização e programas, segundo o desenvolvimento actual da Obra, com um método, o mais possível, interativo e um património de aulas teológico-pastorais, segundo a inspiração originária de Chiara Lubich. Era seu desejo que esta Escola deveria transmitir aos sacerdotes a espiritualidade da unidade e a teologia do Concílio. Nasceu tudo da unidade com os responsáveis da Cidadela, tendo em conta o trabalho realizado para as Escolas das e dos focolarinos e dando ênfase a Loppiano como Cidade-Escola.

*p. Alexander Duno, p. Hubertus Blaumeiser,
p. Tonino Gandolfo*



Città Nuova day

Sessenta cidades, uma VOZ

A primeira jornada nacional do Grupo Editorial Città Nuova ligou em rede numerosas comunidades do Movimento em Itália

Pontuais. Sem dúvida. Muitos? Esta era a incógnita. Um sábado determinado convidava a deixar Milão ou a dar um passeio ao centro de Itália. E foram quase 400 as pessoas que decidiram encher o auditorium São Fiel. Um público variegado, mas muito interessado nos temas bastante pertinentes, como o da luta contra a corrupção e as máfias.

Nando dalla Chiesa, docente de sociologia da criminalidade organizada na Universidade pública, o vereador para a Segurança e coesão social Marco Granelli e o representante de «Libera», Lorenzo Frigerio, dissecaram a realidade ambrosiana com as suas luzes e sombras, inspirando-se no livro *La legalità del noi* (A Legalidade do nós). Estavam presentes os dois autores, um representante do procurador da Direção distrital antimáfia de Bari, Giuseppe Gatti, e o jornalista da Rai, Gianni Bianco.

Não se tratava da apresentação de um livro ou uma operação comercial camuflada. Foi uma tarde de corajosa reflexão pública, etapa de um caminho já iniciado por parte dos leitores milaneses de Città Nuova e uma ocasião para prosseguir o trabalho sobre a legalidade, envolvendo mais pessoas e abrindo para a colaboração com instituições e associações.

A tarde milanesa é um símbolo daquilo que aconteceu naquele sábado, 5 de outubro, por toda a Itália. Esta primeira edição do «Città Nuova day» foi considerada como uma espécie de ensaio geral, pelo pouco tempo disponível para a preparação. No entanto, a rede dos leitores do Grupo editorial foi capaz de surpreender, graças também ao contributo dos jovens, realizando 59 encontros no território italiano e abordando temáticas de grande atualidade, sobre a legalidade, a economia, política e comunicação.



Alguns foram pequenos encontros, mas ao todo participaram mais de 3.500 pessoas. Em muitos lugares a iniciativa teve a colaboração de organismos e correntes fora do Movimento dos Focolares. Por todo o lado participaram pessoas qualificadas que não conheciam o Movimento de Chiara Lubich ou o Grupo editorial, interessadas pelo tema. Muitos deles manifestaram o seu vivo apreço e a disponibilidade para trabalhar connosco.

«Città Nuova day' liga a Itália» era o ambicioso título da Jornada e a ligação *streaming* via Internet fez experimentar o entusiasmo nacional com a transmissão direta a Turim, Roma e Nápoles. As crianças referiram-se à sua revista, *Big*, que está prestes a sair. E os adolescentes não ficaram atrás, interessados no bimestral *Teens*, dirigido a estas idades. Trata-se de novas iniciativas editoriais para contrastar com as crises escassa leitura. Maria Voce não quis que faltasse o seu apoio e enviou uma mensagem video em que sublinhava a originalidade de Città Nuova: «*Todas as publicações estão ao serviço de uma ideia, a fraternidade universal, e ajudam a descobrir que já existe um mundo feito de pessoas que estão a trabalhar neste sentido e de que pouco se fala*». Num encontro, fez-se o programa para um ano. Nada mal para um ensaio geral.

Paolo Lòriga

Medicina em diálogo Para «virar a página»

Um Congresso internacional com profissionais
do âmbito biomédico e sanitário



No passado 18 e 19 de Outubro realizou-se, em Pádua, na Aula Magna de Medicina e Cirurgia da Universidade, o Congresso internacional "Que Medicina? Entre globalização, sustentabilidade e personalização dos tratamentos".

Estavam presentes cerca de 250 pessoas de 19 nações dos vários continentes, que representavam as diversas profissões no âmbito biomédico e sanitário, mas também juristas, sociólogos e economistas, como confirmação da interdisciplinaridade do Congresso. Já durante a preparação houve a oportunidade de um envolvimento – graças aos relacionamentos pessoais construídos ao longo destes anos – de profissionais e professores não pertencentes ao Movimento.

Para além das intervenções de grande competência e nível cultural – nunca separadas dos aspectos relativos aos valores, que deveriam ser inseparáveis da medicina – nas sessões paralelas propôs-se um confronto sobre as temáticas prementes na medicina a nível mundial, alternado com experiências aplicativas convincentes e credíveis, realizadas em diferentes contextos e em vários Países.

As conclusões – que tiveram um contributo em grupo no diálogo final entre todos os

participantes – convergiam na afirmação de uma realidade difundida e consolidada com os anos, a nível internacional à volta da Medicina Diálogo e Comunhão, amadurecida e agora plenamente capaz de se confrontar diretamente com o âmbito académico e científico, mesmo em contextos de alto nível universitário.

O diálogo vivo e construtivo parece-nos que se pode atribuir também à actualidade dos temas abordados e ao facto de que a necessidade de "virar a página" é fortemente sentida na saúde, assim como é universalmente reconhecida a necessidade de codificar princípios e métodos que voltem a pôr no centro da acção e da programação sanitária, a cultura dos relacionamentos a todos os níveis: entre médicos, operadores sanitários, com as instituições, com os doentes, com os cidadãos.

Este pedido foi expressamente manifestado pelos participantes, com o desejo de iniciar desde já o pós-Congresso, empenhando-se pessoalmente em continuar os trabalhos realizados, incutindo uma esperança operativa no próprio ambiente.

Segundo o parecer comum, notava-se que foram levados para fora do "pântano" das dificuldades quotidianas aparentemente insuperáveis, para gozar de um "banho" regenerador com uma mentalidade nova, universal, aberta, vencedora.

Foi dito que se pode falar de uma nova etapa, um verdadeiro ponto de mudança, de partida para a Inundação da Medicina.

Flavia Caretta



Com os amigos hebreus Laços que se estreitam

Um convite para a sinagoga «Adat Israel»,
da Cidade do México, a fim de recordar Chiara Lubich



Alguns amigos nossos, hebreus, – com quem, desde há anos, nos une uma profunda relação de estima – quiseram celebrar o 5º aniversário da «partida» de Chiara, convidando-nos a ir à sinagoga «Adat Israel», no passado dia 20 de outubro. Éramos 120, pertencentes ao Movimento dos focolares e a várias comunidades hebraicas da Cidade do México.

O acolhimento foi afetuoso e fraterno, tendo-se criado de imediato um clima de família. A primeira pessoa que nos veio cumprimentar foi o atual presidente da B'nai B'rith do México, Manuel Taifeld, responsável da sinagoga e que nos recebeu afetosamente. O programa, elaborado em conjunto, previa várias intervenções. Abraham Tobal, rabino da comunidade hebraica «Monte Sinai» da Cidade do México, falou da importância da tolerância, citando Chiara como uma mulher de exceção.

A participação viva de todos permitiu realizar um dia comovente e de alto nível, um passo em frente no diálogo.

A mensagem da Emmaus, enviada especialmente para esta ocasião e lida por uma focolarina, foi recebida com muita profundidade. Enrique Movshovich, hebreu amigo do Movimento, comentou: «Estas palavras são maravilhosas, temos de continuar e prosseguir juntos, estreitando com intensidade os laços que nos unem».

Também para os nossos do Movimento foi uma experiência inesquecível. No final do encontro, para selar a amizade recíproca, trocaram-se dois pergaminhos com a imagem da oliveira que, em 2006, plantámos juntos na Cidadela El Diamante, como símbolo de paz e fraternidade.

O coro Rinah (Gioia) deu um concerto com cânticos em hebraico e concluiu com uma peça de Giuseppe Verdi em honra de Chiara. Foram momentos de comoção para todos nós. Fez-nos lembrar quando Chiara o cantava: «Va Sapienza...» e confirmou-nos a sua presença entre nós nesta celebração a ela dedicada.

As saudações finais foram um agradecimento recíproco. Um deles disse-nos: «Agradecemos-vos pelo privilégio e a honra de termos partilhado convosco este dia inesquecível».

Os gen e as gen, alguns deles com lágrimas nos olhos, exprimiram com emoção a redescoberta da grandeza do carisma de Chiara. No vídeo projetado, «Recordando Chiara», puderam confirmar que ela é uma luz que ilumina o mundo e, diante das expressões de estima e de amor dos nossos amigos hebreus, perceberam ainda melhor aquilo que ela é para a humanidade.

Vibel Lopez



Comunhão e Direito

Um projeto com fins universais

As iniciativas de um grupo de investigadores da Faculdade de Direito de Málaga

Como investigadores no âmbito do Direito, sentimos desde sempre a exigência da justiça. Portanto, desde que Chiara lançou a Economia de Comunhão, procurámos conhecê-la cada vez mais e dá-la a conhecer aos nossos colegas e alunos.

Assim, depois de Luigino Bruni - focolarino da Comissão internacional da Economia de Comunhão - ter vindo pela primeira vez fazer uma conferência na nossa Universidade, no ano 2000, seguiram-se muitas atividades académicas dedicadas, primeiro, apenas a EdC, e seguidamente ao princípio de fraternidade e à justiça relacional (com o contributo de Antonio Maria Baggio, focolarino casado, politólogo e professor no I.U.S.). Um primeiro e importante resultado foi a criação do Forum Gurvitch, em 2004, aquando da atribuição do Prémio Gurvitch de Direito Social a Chiara Lubich. Pouco a pouco foi-se consolidando um grupo de professores com os quais - também em contacto com docentes de outros Países - elabo-

rámos iniciativas de pesquisa, participámos em Seminários e Congressos organizados por Comunhão e Direito ou pelo Instituto Universitário Sophia. Do mesmo modo, participámos com os nossos alunos em iniciativas similares para jovens. Também nós quisemos formar-nos, na medida das nossas possibilidades, através de visitas e estadias no Instituto Universitário Sophia, juntamente com outros colegas.

Neste momento o Forum Gurvitch, que agora tem um pequeno website, conta com cerca de 15 investigadores de diversas áreas e faculdades. Já se começam a produzir trabalhos de pesquisa, que partilhamos com professores de outras Universidades: a partir daqui surgem Seminários, publicações e outras novas iniciativas. Não se trata de um projeto desenvolvido apenas por nós, mas sim por este grupo: os nossos colegas, de facto, sentem estas iniciativas como próprias e, ao mesmo tempo, fazendo parte de um projeto universal.

Antonio Marquez e Rocio Caro



Novidade editorial

Uma carta de amor a Maria

«Silvano Cola, que leu o texto datilografado antes de ser publicado, escreveu-me duas linhas, que conservo preciosamente e que iluminaram infinitamente o seu sentido e o seu estilo: «Trata-se de uma longa carta de amor a Maria. Não pensava ter sido capaz! Mas estou muito feliz por este pequeno livro poder ser lido desta forma.

E, sem nenhuma dúvida, e com profunda emoção, quero agradecer por isso, antes de mais, a Chiara Lubich que me fez descobrir a beleza e o desígnio divino de Maria. Como o amanhecer dourado, ela apresenta-se aos nossos olhos tanto mais luminosa e mais brilhante quanto mais, em nós e entre nós, fazemos brilhar o Sol da vida».

Piero Coda, na introdução do livro: É um Magnificat que, partindo do âmago do canto mariano por excelência, «canta» Maria.

Um diálogo direto com ela, delicado e poético, e simultaneamente denso e rico de sabedoria, no qual enaltece a extraordinária grandeza e o mistério insondável de Maria na sua profunda humildade: mãe de Deus, filha do seu filho, criatura nova; «cheia de graça», que partilha com o Filho o abismo do abandono e o fulgor da ressurreição; coração e mãe da Igreja e da humanidade no fogo do Espírito Santo.

por Elena Cardinali



Telegramas da Emmaus por ocasião dos últimos cinco focolarinos que partiram para a Mariápolis celeste.

Os testemunhos sobre o Fons e o perfil

lido no funeral encontram-se em *Mariapoli* online

www.focolare.org/notiziariomariapoli

Aldo Fons Stedile

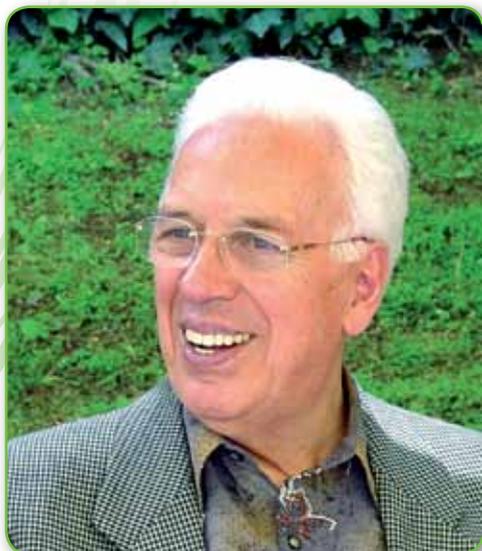
Uma fonte de luz para todos nós

No dia 30 de setembro chegou à casa do Pai Romoaldo (Aldo) Stedile, o nosso Fons que, juntamente com Marco Tecilla, Livio e Carlo, inciou em Trento o primeiro focolar masculino, na famosa «capoeira».

Penso que todos os que o conheceram tenham ainda nos olhos o seu sorriso, a sua transbordante vitalidade, a sua paixão pelo Ideal, o seu otimismo... Fons, era o segundo de uma família com dez filhos. Nasceu no vale do Terragnolo, Trento, no dia 3 de julho de 1925. «O pai e a mãe - contava Fons - eram profundamente religiosos e, quase todas as noites, antes de ir dormir, estávamos habituados a ler em voz alta, com a mãe, uma passagem da Sagrada Escritura, de um santo ou uma leitura espiritual».

Tinha um talento artístico notável como pintor e, se não tivesse rebentado a Segunda Guerra Mundial, teria ido estudar Belas Artes em Florença.

Em 1948, encontrou o Ideal através da Vale. Ele próprio contava: «O encontro com ela foi para mim uma revelação, um verdadeiro encontro com Deus. Tudo mudou a partir daquele momento». E depois da Vale lhe ter falado de Jesus Abandonado: «Agora compreendo tudo, esta é a solução. Faltava-me isto! Percebi que viriam as dificuldades, provas, dúvidas, incompreensões, falhas, mas nada mais me meteria medo. Sentia dentro de mim uma força nova e serena». Na primavera de 1949, num colóquio pessoal, Chiara confirmou-lhe a autenticidade da sua vocação de focolarino e, no fim de junho, iniciou oficialmente a sua aventura, indo morar no focolar de Trento. Ao contar a sua história relativa àquele período, Fons escreveu: «Lembro-me que em 1949, Chiara, de vez em quando, descia até Trento para pôr ao corrente aqueles de nós que, por motivos de trabalho, não podiam estar nas Dolomitas. Uma



vez falou conosco no parque de estacionamento da casa da Silvana, contando-nos o que se passava lá nas montanhas... A um certo momento, como num êxtase, tentei ver se havia relva no chão, porque tive dúvidas se ainda estávamos sobre esta Terra...». E esta realidade, que o acompanhou e sustentou sempre, ofereceu-a com inteligência e generosidade a toda a gente que encontrou durante a sua vida.

Trento, Roma, Bélgica, Ottmaring, Mariápolis Romana, foram estas as etapas que marcaram certas fases do desenvolvimento do Movimento.

No dia 13 de junho de 1963, Fons foi ordenado sacerdote, juntamente com Antonio Petrilli.

Muito significativos foram os anos vividos na Alemanha, onde, com a Bruna Tomasi, gastou o melhor das suas forças para difundir o Ideal e para fazer nascer a Cidadela ecuménica de Ottmaring, em estreita unidade com Chiara. Escreveu naquela altura: «Ontem à noite pareceu-me compreender pela primeira vez o que significa construir no vazio, no escuro. Quando não tinha a luz, na maior parte das vezes parava. Ontem à noite, pelo contrário, percebi que esta é mesmo a nossa vocação: escavar a luz (Deus) das trevas (Jesus Abandonado). Lembrei-me do que ouvi uma vez, talvez dito por ti: desde que haja terra debaixo dos pés

pode-se caminhar. Quando não houver, é necessário voar».

Estava no Centro desde 1984, onde durante vários anos Chiara lhe confiou o ramo dos voluntários, ramo que Fons desenvolveu com o seu habitual entusiasmo. Numa carta que escreveu a Chiara dizia: «Ao falar da vocação do voluntário experimentava duas sensações fortes: por um lado faltavam-me as palavras ao pensar quanto cada explicação sobre a vida da Obra é inadequada para a sua "divina fundação". Por outro lado, tinha que me conter para não gritar que em cada detalhe, tanto de cada uma das vocações da Obra, como na dos vários ramos, existe o paraíso, a Trindade, Maria, no modo mais verdadeiro e real que um homem possa imaginar...».

Nos últimos anos manifestou-se-lhe uma doença que pouco a pouco o enfraqueceu, mas nunca afetou as fibras da sua alma. Quando, no dia 10 de fevereiro de 2010, teve de fazer um teste para avaliar a sua capacidade cognitiva, e o médico lhe pediu para escrever uma frase que fizesse sentido, ele escreveu: «Amar sempre, em toda a parte, a todos!».

A sua Palavra de vida: «Do coração de quem acredita em mim, hão-de correr rios de água viva» (Jo. 7,38) e o seu nome novo, Fons, dão uma imagem mais nítida e luminosa da «fonte» de luz e de sabedoria que ele foi para todos nós.



Augustine Nett Legarda

Semeou o Amor

No dia 30 de setembro, Nett, Augustine Legarda, do focolar da Nova Zelândia, foi serenamente para o Paraíso, rodeado pelo amor dos focolarinos de Wellington e de Melbourne.

Nasceu em Manila, em 1950. Foi dos primeiros gen das Filipinas a conhecer o Movimento, nos anos '70, quando frequentava a escola em que Silvio Daneo dava aulas. Fulgorado pelo Ideal, foi para Loppiano para aprofundar a experiência gen e a nossa espiritualidade. Nesse período, sentindo a chamada, ofereceu-se a Deus como focolarino. Concluída a Escola de formação de Loppiano, voltou para Manila. Em 1974, com Aloizio dos Santos, Pippo Poidimani e Brian Linard deu início ao focolar de Melbourne. Em 2002 Nett deixou a Austrália para ir, para a Nova Zelândia, abrir o focolar de Wellington. Em todos estes anos foi professor numa escola do ensino secundário, e conquistou muitos estudantes e colegas de trabalho. A sua inculturação nascia a partir do mais profundo, como ele próprio dizia numa carta a Chiara, em dezembro de 1982: «Agora vejo a minha vida futura na esperança de viver ao serviço de todas as pessoas que me passam ao lado, sem querer nada em troca, apenas para que todos sejam um».

Da sua correspondência transparece a intensa relação que tinha com Chiara, desde o início. Já em 1972 lhe escreveu: «Tenho uma sede imensa de ter a unidade contigo, sinto que só isto é importante. Dei-me conta de que é em Jesus Abandonado que a encontro. Por isso, esta unidade está em Deus, porque Jesus, sobre a cruz, estava mais unido ao Pai». Numa outra carta do mesmo ano: «Querida dizer-te que hoje a minha alma está cheia de Deus. Jesus é tudo e quero repetir contigo, com a minha medida, aquele amor que tu tens por Ele e fazer todo o caminho que tu fizeste em direção ao Pai». Em fevereiro de 1975 confiava-lhe: «Percebi que devo



alcançar a vida da Santíssima Trindade para realizar também aqui o Reino de Deus. Sinto que devo renovar todos os dias o "Pacto" para que esteja sempre viva em mim esta realidade, nas circunstâncias da vida de todos os dias. Parece-me ter percebido

a grandeza do teu carisma, ao qual Maria me chamou, para o viver e realizar contigo na Terra».

Em agosto de 2001, na escola dos conselheiros do Alaranjado, escreveu a Chiara: «Ao contemplar a Obra que se difunde na Igreja e por todo o mundo, confio apenas no Espírito Santo, no estar dentro da "Alma" contigo. Parece-me que só assim posso viver com radicalidade a Nova Evangelização».

Quando se difundiu a notícia da sua doença, muita gente escreveu impressões comoventes, os frutos do amor que Nett tinha semeado no coração de muitas pessoas, desde o início do Movimento na Austrália até aos seus últimos dias em Wellington. Foi um pai e uma mãe espiritual para muitos, acreditando em todos e encorajando-os naquilo que faziam. Todos encontravam nele um amigo, que amava com o coração. Durante a doença tinha uma doçura e gentileza impressionantes, nunca se lamentava, estava sempre sereno e com muita dignidade.

Antes da minha partida para Amman, respondendo a uma mensagem minha, escreveu-me: «Estou-te muito agradecido pelo teu imenso amor. Apesar de tudo acredito no amor de Deus. Ofereço todos estes sofrimentos pela tua viagem à Jordânia, pelo diálogo interreligioso e pelo desenvolvimento da Obra no Médio Oriente. Digo o meu "Sim" incondicional a tudo o que Deus me pede nestes momentos de graça».

Chiara tinha-lhe dado a Palavra de Vida: «Vou preparar-vos um lugar» (Jo 14,2), lugar que Nett conquistou vivendo na plenitude do Ideal e que agora poderá ocupar no Paraíso.

Maria Rosa Bardi

«Jesus Abandonado, vem-me buscar»

Focolarina casada da Cidadela de Loppiano, Maria Rosa, foi chamada ao Céu no dia 26 de Setembro de 2013, após uma doença súbita. Com o marido, - Renzo -, também ele focolarino, foram durante muitos anos responsáveis de Famílias Novas da zona de Milão e, em 2003, mudaram-se para a Mariápolis Renata, para seguir a formação das famílias na Escola Loreto.

Nasceu na Ligúria em 1942 e em 1962 casou-se com Renzo, mas depois do nascimento da primeira filha surgiram sérias dificuldades que os levaram à separação. Por vias diferentes conheceram o Ideal e foram viver, separadamente, alguns meses em Loppiano, onde cada um amadureceu uma escolha de Deus profunda e pessoal. Foi assim que se reconciliaram e foram morar para Milão. À Liuba seguiram-se, em poucos anos, mais filhos: as trigémeas Chiara, Natalia e Silvana e depois Mario e Giovanni. Foi imediata, para a Maria Rosa, a sua relação com Chiara, tendo recebido como Palavra de Vida: "Aquele que é pequenissimo venha a Mim", retirada do livro dos Provérbios e que lhe recorda o nada de Jesus Abandonado. Iniciaram-se anos de uma doação muitíssimo generosa a Deus na Obra, onde Maria Rosa e Renzo contribuíram para o desenvolvimento do Movimento Famílias Novas, que estava a nascer. Muitas pessoas de Milão e de muitas partes do mundo puderiam testemunhar o amor recebido. A total disponibilidade deles, levou-os como Família-Focolar à Terra Santa, à Índia e fizeram três viagens seguidas ao Paquistão, além de à Cidadela Luminosa nos Estados Unidos e a Londres. Na altura em que deixaram Milão escreveram a Chiara: «Não nos custa seguir-te, experimentando a alegria plena de poder correr



atrás de ti para construir, também com o nosso pequeno coração, Céus novos e Terras novas.. Temos um único desejo: viver para te levar onde Deus nos chama, e oferecemos agora o desapego de tudo para continuar a seguir Jesus, que uma vez mais nos diz com infinito amor: "Vem e segue-Me"». Chiara respondeu-lhes: «*Que Nossa Senhora vos retribua o amor que têm pela Sua Obra! Vos cumule das Suas graças, para que possam dar a vossa preciosa experiência à Mariápolis Renata e às famílias que, de todo mundo, por lá passam*».

Quando terminou a sua missão na Escola de Loreto, Maria Rosa escreveu: «*Chegou para mim e para Renzo a estação da colheita: quem sabe se o Divino agricultor poderá colher uma boa ceifa! Mas mesmo que os frutos não sejam bons, os tesouros que Ele nos concedeu são infinitamente abundantes. Por isso a nossa alma só pode cantar a Ele, que na Sua Misericórdia tudo transforma em bem*».

Continuaram no entanto a dar o seu contributo à Cidadela, colaborando em particular com o Centro de Famílias Novas nos Cursos para o fortalecimento da unidade no casal e sendo verdadeiros pontos de referência para muitas famílias com dificuldades. No decorrer dos anos não faltaram a Maria Rosa provas e dificuldades, mas, pela sua fidelidade ao carisma, tudo se revelou instrumento para aperfeiçoar a sua caridade. Em 2005 escreveu: «Quando encontrei o Movimento senti que só podia entrar na vida do Ideal através da porta aberta de Jesus Abandonado e na minha alma nunca mais se apagou o toque ardente da passagem da Redenção... Agora dei-me conta decididamente de que já não podia estar dividida diante d'Ele, mas que Jesus Abandonado queria tomar todo o meu lugar, viver plenamente em mim».

São muitíssimas as características do seu amor: delicadeza, determinação, humildade, discrição, fidelidade, transparência, consciente – como ela dizia – «do milagre deste chamado».

No dia anterior à sua «partida» viveu com Renzo um dia cheio de amor aos outros e de profunda comunhão entre eles, com o «pacto de unidade» renovado na Missa. Falando do futuro deles, entre outras coisas, ela disse: «Estou pronta, sinto-me desapegada de tudo». Poucas horas depois, Maria Rosa sentiu-se mal e de ime-

diato afirmou: «Ofereço tudo pelos meus filhos, para que se amem e vivam em paz. Ofereço a vida pelos focolarinos e pelas focolarinas, pela Obra e pelo encontro dos Delegados, pela Cidadela, pela paz, por todos os pobres e desesperados» e seguidamente: “Jesus Abandonado vem! Jesus Abandonado vem-me buscar”.

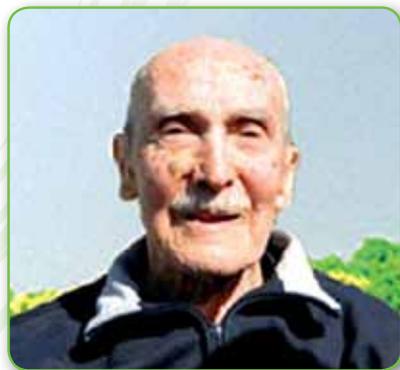
Remigio Magnani

No começo dos focolares, em Parma

Remigio, focolarino casado de Parma, chegou ao Céu, no dia 14 de setembro, dia da celebração da Exaltação da Santa Cruz. No dia seguinte ia completar 91 anos. Estava rodeado pelo amor dos focolarinos e dos focolarinos casados que estiveram sempre com ele, sobretudo depois da morte da sua mulher, Ilde, em 2011.

Ele próprio conta a sua história: «Era sonhador e idealista. Estudava medicina e tive oportunidade de praticar muito num hospital militar. A guerra interrompeu os meus estudos. Estive entre os anti facistas onde sabia que encontraria muitos dos meus conterrâneos... Senti-me logo bem naquele clima fraterno em que se ia arriscar a vida uns pelos outros. E, de facto, nos últimos dias também fiquei ferido porque substituí o meu comandante... Quando a guerra terminou, no verão de 1945... tive uma crise espiritual que durou mais de dez anos. Uma vez, durante uma viagem de comboio, ouvi um senhor dizer uma frase que nunca mais me esqueci: "Vivem como os primeiros cristãos e põem tudo em comum... Chama-se Movimento dos Focolares da unidade. Começou assim, para mim, uma maravilhosa aventura».

Juntamente com Ilde, Remigio foi uma peça importante na história do Movimento da sua zona, desde 1952, no início do primeiro focolar feminino de Parma com Lia Brunet. Em 1953, também do focolar masculino, na residência paroquial do Pe. Gino Rocca, com Oreste Basso e mais tarde com Lionello Bonfanti. Quando, em 1959, surgiram dificuldades para o Movimento, os focolarinos puderam ficar em Parma, com a permissão do Bispo, graças tam-



bém à generosidade do casal Magnani que, para poder colocar à disposição deles a sua casa, se mudaram para dois quatinhos alugados. Deram sempre o seu tempo e as suas energias ao trabalho que Maria, com a Sua Obra, estava a fazer naquela terra, criando uma comunidade viva, com Jesus no meio. E Remigio continua: «Apesar das numerosas dificuldades, relacionadas com a minha doença, fazendo saltos mortais, juntamente com a Ilde, comecei a participar nas primeiras Mariápolis em Fiera di Primiero, nas Dolomitas. Desde então seguiram-se muitas outras Mariápolis, fui aceite entre os focolarinos casados e Chiara deu-me uma Palavra de vida: «De tudo sou capaz naquele que me dá força» (Fil. 4,13), que foi sempre o farol da minha vida. A nossa casa tornou-se centro de atração, o porto de mar onde todos desembarcavam».

Escreveu a Chiara em 1970: «Obrigado pelo teu diário que tocou o mais profundo da minha alma e pôs de novo em evidência a predileção de Maria por nós, o nosso lugar exato no focolar e na realidade da Obra Una. Ou somos humildes e nos colocamos ao serviço ou nem o facto de termos muitas virtudes poderá fazer de nós, focolarinos». E ainda: «Sinto que o meu lugar no focolar é defender a excelsa vocação dos focolarinos de vida comum, como José defendeu

Maria, na qual adorava o Mistério». Numa outra carta confidenciava: «Voltando de Roma, depois de um discurso de Chiara, tinha um grande desejo de aliviar os focolarinos de vida comum da sua cruz. Mas não conseguia fazer nada... Então Jesus Abandonado preenche todos os vazios e dá resposta a todos os absurdos, mesmo à escuridão de certos momentos, porque Ele é o sem luz». O seu empenho constante, mesmo com uma saúde delicada, era «ser portador do carisma». Jesus Abandonado era para ele «companheiro fiel», «guia seguro», «mestre universal». Agora pensamos nele junto de todos os Maripolitas celestes que o precederam - sobretudo com Ilde e com a sua irmã Sandra Peduzzi, também ela focolarina casada - com a certeza que, do Céu, continuará a apoiar a Obra no seu caminho para o "Ut omnes".

no amor ao nosso Esposo, Jesus Abandonado, é sempre nova, mas tem sempre a mesma raiz: o amor ao irmão». Este amor preencheu a sua vida e exprimiu-se através de gestos concretos: tomou conta das pessoas idosas da sua família, ajudou alguns grupos de famílias provenientes de Marrocos, mantendo com eles um diálogo frutífero. Também no trabalho, como professora, transmitiu o Ideal com paixão, com um olhar de predileção dirigido sempre aos mais fracos. Para o focolar era um farol de luz. Em todas as circunstâncias, mesmo nos momentos mais difíceis que não faltaram, testemunhou a certeza de que Deus é Amor e que não existe dificuldade que não possa ser vivida n'Ele, amando. Escreveu a Chiara, depois de uma Conferência telefónica: «Voltei a dizer o meu "sim" a Jesus Abandonado, um "sim" total no momento presente. Peço ao Eterno Pai para fazer com que eu

seja sempre fiel ao Carisma porque só assim tu me podes oferecer a Deus, como uma das tuas prestações». No dia 7 de dezembro de 1993, num retiro no Centro, escreveu: «Sinto que a maior felicidade que poderia ter-me acontecido foi ter conhecido Jesus Abandonado... percebi, como nunca, que só o "nada" de nós gera sempre e por toda a parte

a unidade, que é sempre também uma dádiva de Deus». Durante a doença grave do marido, que se manifestou há um ano, permaneceu sempre no sobrenatural. Esteve sempre a seu lado, garantindo-lhe a presença estável de Jesus no meio até ao seu encontro com o Pai. Quando soube do estado de saúde do Mario, escreveu-lhes, diz a Emmaus: «Se Jesus Abandonado vos pede que Lhe ofereçam isto é porque confia em vocês». A Angela respondeu: «Estamos a viver esta experiência com plena consciência de que é Ele... sinto que a graça maior que recebemos foi a de não perguntarmos "porquê"». Quando me comunicou a partida de Mario, continua a Emmaus, disse: «o meu coração está dividido em dois e só encontra paz na Desolada e no

Angela Paoletta Mannillo

Adesão imediata

Angela, focolarina casada da zona de Nápoles, no dia 8 de outubro juntou-se ao seu marido, Mario, também ele focolarino, que chegou à Mariápolis celeste apenas quatro meses antes. Aberta, simples, direta nos relacionamentos, trabalhou na paróquia desde muito nova e foi lá que conheceu Mario. O encontro com o Ideal aconteceu no Family Fest de 1981, pouco antes do casamento deles. A adesão foi imediata.

A Palavra tornou-se a bússola e o fundamento da sua vida, em particular a que recebeu de Chiara: «Porque Tu o dizes lançarei as redes» (Lc 5,5). «Onde quer que eu esteja - escreveu a Chiara - só me sinto viva se for fiel à Palavra vivida».

Alguns meses depois sentiu a chamada a ser toda de Deus. Respondeu com alegria, com radicalidade e com o timbre mariano que sempre a caracterizaram. Escreveu ainda a Chiara: «A minha experiência diária, que assenta as raízes



amor exclusivo ao Esposo, que agora tem um novo nome: separação... ofereço toda esta dor pela Obra. Agora sinto-me uma família-focolar particular, porque me parece que deixou de ter casa, está entre a Terra e o Céu». Há um mês, a Angela sofreu uma repentina e violenta hemor-

ragia cerebral e nunca mais saiu do coma. Tinha 60 anos.

Foi muito grande a gratidão da comunidade por esta família-focolar especial que, com um amor puro e discreto, a gerou para à vida autêntica do Ideal e ao amor recíproco.

p. Hans Wittmer

«Amemo-nos uns aos outros»

No dia 27 de dezembro passado, no dia do seu onomástico, o Pe. Hans, sacerdote voluntário suíço, concluiu a sua «santa viagem», com 84 anos de idade, depois de uma vida de doação e de fidelidade à Igreja e à Obra. Aberto ao ecumenismo e aos novos Movimentos, tinha também uma relação profunda com o Ir. Roger Schütz e a comunidade de Taizé.



Ordenado sacerdote em 1954, em dezembro de 1959 conheceu o Movimento e um ano depois foi à Escola sacerdotal em Grottaferrata, e depois, no verão seguinte, à Mariápolis de Friburgo. De 1965 a 1968 ensinou Liturgia e Ecumenismo em Loppiano.

Com o amor concreto e uma hospitalidade que muitos focolarinos experimentaram, o Pe. Hans colaborou em projetos de crescimento da Obra de Maria.

Depois de ter meditado sobre Jesus Abandonado, escreveu: «Encontrei uma relação ainda mais profunda com Ele. Não devo amá-Lo para ser feliz mas para ser um com Ele e ser “amor” para todos. Viver este mistério dá-me uma alegria profunda».

Na diocese de Basileia deixou marcas profundas, quer no seminário de Lucerna, quer como pároco em vários locais. Vários sacerdotes ficaram-lhe agradecidos pelo dom do Ideal.

Desde 1994 que era pároco numa aldeia de montanha, destino de muitos que queriam

viver, com ele, não só períodos de férias mas também de «regeneração espiritual». Com a sua profundidade e com a riqueza dos seus relacionamentos deu um contributo precioso à vida do núcleo.

O Pe. Hans, depois de lhe ter sido diagnosticado um tumor, viveu com coragem e paciência a última parte do seu caminho sobre esta Terra.

Os ecos, que chegaram depois da sua «partida», testemunham que realizou a sua palavra de vida: «Amemo-nos uns aos outros, porque o amor é de Deus: quem ama é gerado por Deus» (1 Jo,7).

Franco Galli

José Francisco Fernández Long

«Para nós, era um grande»

Em Buenos Aires, no dia 28 de julho, deixou-nos José Francisco, um dos primeiros voluntários argentinos. Nasceu há 81 anos, em Bahía Blanca. Viveu a infância e a adolescência de acordo com a mensagem evangélica que lhe foi transmitida pela mãe. Cristão empenhado, conheceu Ruth (Chispa) enquanto estudava engenharia em La Plata. Constituíram uma família assente em profundos ideais evangélicos. Com os cinco filhos, participavam no Movimento Familiar Cristão e noutras associações católicas.

Viviam em Bernal, cidade próxima da capital federal. Por volta de 1973 foram convidados para um «recital» de um conjunto gen. José Francisco pensava que ia apenas ouvir música, mas deu-se conta da mensagem Evangélica daqueles jovens. Ele e Chispa empenharam-

-se com entusiasmo na vida da Obra. Vittorio Sabbione ajudou-o a compreender aquilo que Deus queria dele. Tornou-se voluntário de Deus e teve a oportunidade de ter estado no Centro do Movimento para os voluntários. José Francisco conservava vivo no coração um momento vivido com alguns deles em 1998, quando Chiara foi à Argentina e visitou a casa onde eles moravam na Cidadela Lia. Porque ele lhe pediu, Chiara deu-lhe como Palavra de vida «O que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o também a eles (Mt 7,12).

Alguns voluntários recordam-no assim: «Quando começámos, o mais frequente era fazermos os encontros de família na sua casa, que foi praticamente o primeiro focolar da zona sul de Buenos Aires». Um outro: «José Francisco não perdia nenhum retiro ou jornada. Era conhecida a sua fidelidade aos encontros de núcleo e, quando fazia comunhão de alma, era concreto e isso facilitava a presença de Jesus no meio de nós».



A relação com a sua mulher era exemplar, não se tendo interrompido nem sequer com a morte dela: «dizia-nos muitas vezes que, se se podia ter Jesus no meio “também à distância”, como Chiara nos ensinava, podia tê-Lo também com Chispa». Foi um engenheiro tão estimado que lhe ofereciam trabalhos mesmo depois

da reforma. Diz ainda um voluntário: «organizava as várias tarefas da empresa na qual trabalhava segundo as “cores”. Para mim foi uma nova descoberta, permitiu-me dividir com ele as minhas experiências de trabalho». Num dos seus últimos encontros com os voluntários – sabia que tinha de enfrentar uma operação difícil – disse que, como resultado final, tinha dois caminhos: ou acordava e via os seus filhos, ou acor-

dava e via a Chispa. Parece-nos poder dizer que, para o Paraíso, partiu na verdade um homem grande, que agora do céu nos vai ajudar a todos na nossa “santa viagem”».

Francisco Canzani e voluntários

Os nossos parentes

Passaram para a Outra Vida: Marie-Agnès, irmã de Henri-Louis Roche, focolarino em França; **Lucia, irmã de Christine Naluyange e Rosinha, mãe de Dori Antunes**, focolarinas na Mariápolis romana; a **mãe de Donato Chiampi**, focolarino em Trento; a **mãe de Susanne e Christine Stehli**, focolarinas na Suíça; **Philippe, pai de Pascal Bedros**, focolarino em Aleppo (Siria); **M. Carmen, mãe de Antonio García**, focolarino em Sevilha (Espanha); **Angelita, mãe de Aurelio Romero**, focolarino em Granada (Espanha); **Mamoru Takishita, pai de Mayumi Satokawa**, focolarina casada em Nagasaki (Japão); **Silvano, irmão de Lidia del Medico**, focolarina em Loppiano; **Dardo, pai de Feli Silva**, focolarina na Cidade do México; **Fernanda, mãe de Luis Sanchez de Soto**, focolarino casado em Porto Rico; o **pai de Geralda Amelia (Gemma) Resende**, focolarina na Mariápolis Glória (Belém – Brasil); a **mãe de Aileen Suk Yee Tang**, focolarina em Yogyakarta (Indonésia); **Filomena, mãe de Imma Buono**, focolarina no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo; **Pina, esposa de Jorge Affanni**, focolarino casado, e **mãe de Flavia e Patricia** voluntárias em Buenos Aires; **Marinalda, mãe de Janaina do Socorro Figueira da Costa**, focolarina em Palermo; **Ernesto, pai de Nicola Iturralde**, focolarino na Mariápolis Paz (Filipinas); um **irmão de Pascal Pontien Ntawuyankira**, focolarino em Douala; **Petronella, mãe de Elsje de Groot**, focolarina em Copenhaga; **Isolina, mãe de Edson Galego**, e **Valère, irmão de Bertin Kufunda**, focolarinos em Loppiano; **Leonardo, irmão de Juan Esteban Belderrain**, focolarino na Mariápolis Ginetta (Brasil).

MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXX • Novembro e dezembro de 2013 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Íris • Vale Menriço • 2580-059 ABRIGADA • Tel.: 263 799 997** • Diretora: Filomena Viegas • Tiragem: 400 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).

Comunidades renovadas

Protagonistas de uma nova sementeira



Os encontros das comunidades dos Focolares de todo o país realizados no mês de novembro, em Lisboa e em Braga, marcaram uma nova etapa na vida da Obra em Portugal. No total, cerca de mil pessoas receberam as notícias do encontro dos delegados realizado no Centro da Obra, em outubro. Também houve a apresentação do tema sobre “O amor recíproco”, que vai ser aprofundado neste novo ano pelos grupos do Movimento.

Os participantes foram unânimes em afirmar que se notava a presença do Espírito Santo, numa forte experiência de Deus e da vida trinitária. Cada um sentiu-se impulsionado a fazer uma nova conversão ao amor recíproco, para ser testemunha da presença de Jesus no mundo.

Nas palavras da Emmaus sobre a Obra hoje, transmitidas pela Teresa Guedes e pelo António Oliveira (Tobé), verificou-se uma plena sintonia com a Igreja, com as orientações do Papa Francisco. “Podemos dizer à Emmaus que somos capazes de sair das nossas seguranças para irmos ao encontro da humanidade”, foi a impressão de uma voluntária. “Respondendo aos desafios desta hora, vamos em direção às periferias para levar a luz, o amor, a felicidade do paraíso construído entre nós, com a vivência do mandamento novo do amor”, afirmou uma outra pessoa.



Os encontros por comunidades foram momentos importantes para reavivar os relacionamentos, e nasceram vários projetos que irão ser realizados em equipa, para semear a vida do Evangelho até “Que todos sejam um”.

“São desafios de que não devemos ter medo, porque são suficientes duas pessoas, com Jesus no meio, e a revolução está feita”, disse um dos presentes. “Esta vida não é para consumo pessoal, mas para ser levada a todos”.

E já se começou a trabalhar nesse sentido, concretamente, nalgumas comunidades.

